



GRAÇA E LIVRE ARBÍTRIO: UMA CONTRAPOSIÇÃO ENTRE AGOSTINHO E LUTERO

(Grace and free will: a contrast between Augustine and Luther)

Fabricio Veliq

Mestre e Doutorando em Teologia pela FAJE-BH

RESUMO

A questão da graça e do livre arbítrio, a partir do pensamento agostiniano, foi e continua sendo tema de debate entre teólogos e filósofos contemporâneos, dada a importância desse assunto nas questões humanas. O presente artigo tem o intuito de elucidar a relação existente entre o pensamento de Santo Agostinho e o pensamento de Lutero a respeito da questão da graça e do livre arbítrio. Tentamos mostrar de que forma Lutero, ancorado na discussão de Santo Agostinho, propõe sua relação entre graça e livre arbítrio no homem, ao dizer que este não pode decidir sobre nada que lhe advém, bastando somente ser como jumento a ser guiado por quem lhe monta. Dessa forma, Lutero revela uma posição bastante pessimista a respeito do homem, o que não pode ser dito tão enfaticamente com relação a Santo Agostinho.

Palavras-chave: Agostinho; Lutero; Graça; Livre Arbítrio

ABSTRACT

The question of grace and free will, based on the Augustinian thought, was and still remains the subject of debate among cotemporary theologians and philosophers, due to the importance of this issue in human affairs. This article aims to clarify the relationship between the thought of St. Augustine and the thought of Luther on the issue of grace and free will. We try to show how Luther, anchored in St. Augustine discussion, proposes a relationship between grace and free will in man, when he says that man can not decide on anything that comes to him, just simply to be like a donkey guided by whom mounts him. Thus, Luther reveals a rather pessimistic position about man, what can't be said so pointedly in relation to St. Augustine.

Keywords: Augustine; Luther; Grace; Free Will

INTRODUÇÃO

O pensamento de Lutero foi de grande importância para a história da teologia cristã. Os conceitos de graça e livre arbítrio, bastante importantes para a teologia, foram desenvolvidos no pensamento luterano de forma muito singular e diferente diante da teologia católica de sua época.



Para entendermos o pensamento de Lutero, faz-se necessário passar pelo pensamento de Santo Agostinho, dentre outros autores. Dada a influência do pensamento agostiniano no pensamento de Lutero, escolhemos, dentre os diversos influenciadores de Lutero, o pensamento de Agostinho para a contraposição entre esses dois teólogos, que muito influenciaram suas gerações.

SANTO AGOSTINHO E A GRAÇA

A graça em Santo Agostinho, segundo Bernard Sesboüé, é vista como relação, não sendo somente um ponto instrumental possível entre Deus e o homem, mas sendo, também, a benevolência de alguém que se dá.¹

A discussão agostiniana a respeito da graça começa com a crise pelagiana. Pelágio considerava a graça como

a criação do homem dotado de livre arbítrio e de uma “saúde” que lhe permite discernir o bem e o mal. A natureza do homem, criada livre, é, com efeito, uma graça, pois é dada gratuitamente. (...) A revelação divina ajuda o homem a conhecer a vontade de Deus e a observar seus preceitos; é, pois, uma “graça de salvação”; a graça consiste, ainda, nos exemplos dos santos, mesmo que pagãos, pois sempre houve homens que não pecaram ou não permaneceram no pecado. Nas escolhas, a graça é, pois, uma ajuda externa da liberdade humana para que ela decida com retidão, mas não age no cerne do livre arbítrio.²

Percebemos que as teses pelagianas traziam, em si, grande confiança na liberdade do ser humano. Nessa esteira do pensamento pelagiano, só existe pecado onde existe vontade; consequentemente, Cristo é somente um exemplo externo e não um socorro interno para o homem. Contudo, defender essas teses implicava uma nova compreensão do cristianismo de então. As teses pelagianas acabam sendo condenadas pelo concílio de Catargo, em 418. Nesse mesmo concílio, o papa Inocêncio excomunga Pelágio, que não é mais visto no cenário teológico.

Agostinho, na esteira do pensamento pelagiano e, mais tarde, na crise semi-pelagiana, escreve sobre a graça. Em sua obra, *o Espírito e a Letra*, baseia-se sobre a graça de Cristo, que é salvadora. A graça, para Agostinho está em relação com o amor que é difundido pelo Espírito Santo através de Jesus Cristo. Nesse sentido, a vontade humana é ajudada por Deus e o homem, em seu pensamento, foi criado com o livre arbítrio da vontade e recebe o Espírito Santo que suscita na alma desse homem o prazer e o amor do soberano bem que é o próprio Deus.

¹ SESBOÛÉ, Bernard *et. al.* *O Homem e sua Salvação*: antropologia Cristã: criação, pecado original... 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005. p. 257 (História dos dogmas, II)

² SESBOÛÉ, Bernard *et. al.* *O Homem e sua Salvação*: antropologia Cristã: criação, pecado original... 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005. p. 244 (História dos dogmas, II).



A questão da graça e do livre arbítrio surge com base nos questionamentos dos monges de Adrumeto, a propósito de uma carta escrita por Agostinho a Sisto em 419³. A questão levantada por esses bispos era se a graça tornava nulo o livre arbítrio. Agostinho, em seu livro, *Sobre a graça e o livre arbítrio* defenderá que tanto existe o livre arbítrio, como há a necessidade da graça. Após afirmar que a graça não é somente a lei e natureza e não é somente para remissão de pecados, define duas concepções da graça:

- Graça Operante: propõe que somos nós que queremos quando queremos, mas é Deus quem nos faz querer o que queremos. Nós que agimos, mas é Deus que nos faz agir. A graça é uma força eficaz dada por Deus ao nosso querer.

- Graça Cooperante: Deus coopera, levando aquilo que ele começou à operação, pois opera no começo para que queiramos, e opera no fim, cooperando conosco, quando queremos.

Após a leitura da carta por parte dos bispos de Adrumeto, há, por parte destes, uma nova questão levantada, que pode ser sintetizada como: “se a graça opera tudo em todos, por que, afinal, é necessária a correção?” Essa pergunta suscitará o escrito teológico mais importante sobre a antropologia cristã no cristianismo latino do século V⁴, chamado *Sobre a correção e a graça*. Essa obra trata o tema da cooperação entre a graça e o livre arbítrio e traz, em si, as seguintes teses:

O homem consegue e realiza as possibilidades de sua liberdade pela graça. O homem só consegue fazer o que faz pela ação da graça e não pelo seu livre arbítrio. Defende, nessa obra, que não é pela liberdade que se obtém a graça, mas antes, pela graça que se consegue liberdade, desenvolvendo, assim, a ideia da graça como força invencível.

Deus, ao criar os anjos e homens, dispôs a vida deles de maneira a demonstrar nelas o que podia o livre arbítrio, segundo sua graça e sua justiça. O livre arbítrio podia o benefício da sua graça, ou seja, podiam conseguir tudo, pois o livre arbítrio era igual à graça. Ao perderem a graça, o livre arbítrio não tem mais a capacidade de poder.

Adão foi criado na graça de Deus em uma condição três vezes diferente da nossa: podia não morrer; em segundo lugar, não conhecia a luta da carne contra o Espírito; em terceiro, podia não pecar. Dessa forma, ao pecar com o livre arbítrio, perdeu a condição primitiva, arrastando consigo todo gênero humano, razão que ninguém nasce na condição de inocente. Assim, a Adão foi dado o auxílio sem o qual ele não podia perseverar no bem em que fora criado, tendo recebido o auxílio para perseverar, o que poderíamos chamar de graça da criação. Depois de Adão, o que o homem recebe é não

³ SESBOÛÉ, Bernard *et. al.* *O Homem e sua Salvação: antropologia Cristã: criação, pecado original...* 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005. p. 249 (História dos dogmas, II).

⁴ SESBOÛÉ, Bernard *et. al.* *O Homem e sua Salvação: antropologia Cristã: criação, pecado original...* 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005. p. 251 (História dos dogmas, II)



somente o poder de perseverar, e sim a própria perseverança, ou seja, o auxílio pelo qual se persevera.

Ao falar-se a respeito da relação entre graça e livre arbítrio no pensamento agostiniano, faz-se necessária a distinção entre liberdade e livre arbítrio. Para o bispo de Hipona, o livre arbítrio é a capacidade de escolha com que todos os homens nascem e a liberdade é a capacidade para fazer o bem. Com a queda do homem, esse perde a liberdade, mas o livre arbítrio continua. Assim, o livre arbítrio serve como meio para a liberdade. Segundo Sesboüé, “o exercício do livre arbítrio permite que a liberdade aproxime do dom de Deus através do tempo. Quanto mais a liberdade se firma em Deus, menos fica sujeita às vicissitudes do livre arbítrio”⁵.

O pensamento de Agostinho a respeito da graça e do livre arbítrio influenciará com grande força o pensamento cristão a partir de sua época. Diversos foram os autores que trabalharam o tema da graça e do livre arbítrio. Dentre eles, temos aquele que, talvez, seja o mais radical com relação ao tema: Martinho Lutero.

O LIVRE ARBÍTRIO EM LUTERO

Compreender a história de Lutero, bem como sua experiência de conversão, nos dá boa base para entender seu pensamento a respeito do homem e sua ideia de livre arbítrio e da graça. Lutero era monge e experimentou crises do que se chamava *Anfechtungen* – ansiedade espiritual aguda sobre o estado de sua alma.⁶ Por se confessar com tanta frequência, seu confessor o aconselhou a adiar as confissões para quando tivesse algo realmente pecaminoso a ser confessado. Contudo, Lutero sempre pensava que havia algo errado em seu pensamento, motivação ou ato, e assim, vivia em constante ansiedade espiritual. Ao visitar Roma, em 1511, volta aflito por perceber um ambiente de obscenidade, imoralidade, blasfêmia e apatia espiritual. Em 1512, obtendo seu doutorado em teologia em Winttenberg, começa a lecionar nessa faculdade matérias bíblicas. Em seus estudos sobre o livro de Romanos, entre 1513 e 1518, é quando tem diversas experiências que mudarão sua forma de ver o evangelho. Em 1517, escreve as 95 teses contra a igreja da época e dá início ao processo conhecido como Reforma Protestante.

Lutero obteve diversos antagonistas, dentre eles, Erasmo de Roterdã. Erasmo era um humanista e muito prestigiado em seu tempo, tendo sido, segundo alguns autores, um dos pensadores mais influentes de sua época⁷. Contra Lutero, escreve, em 1524, sua

⁵ SESBOÛÉ, Bernard *et. al.* *O Homem e sua Salvação: antropologia Cristã: criação, pecado original...* 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005. p. 257 (História dos dogmas, II)

⁶ OLSON, Roger. *História da Teologia Cristã: 2000 anos de tradições e Reformas.* Vida. São Paulo: 2001, p. 385

⁷ OLSON, Roger. *História da Teologia Cristã: 2000 anos de tradições e Reformas.* Vida. São Paulo: 2001, p. 373



**Revista Eletrônica Espaço Teológico ISSN 2177-952X. Vol. 9, n. 16, jul/dez, 2015,
p. 180-187**

Diatribes sobre o livre arbítrio, na qual combate diversas falas de Lutero a respeito do livre arbítrio.

Em resposta ao livro de Erasmo, Lutero escreve um livro chamado *Da vontade cativa*, no qual faz uma grande explanação sobre o conceito de livre arbítrio e vontade humana.

Para entendermos o pensamento de Lutero a respeito do livre arbítrio, faz-se necessário entender como ele vê o próprio homem. Para Lutero, o homem é viciado pelo pecado, mau por natureza, e Deus, ao contrário, é bom por natureza. Dessa forma, nada que o homem faz pode ser bom, se não for ajudado pela graça de Deus. Lutero tem uma visão extremamente pessimista a respeito da vontade humana, bem como do ser humano. Segundo ele, a vontade do homem é como um jumento.

Dessa maneira a vontade humana está colocada no meio, como um jumento. Se Deus está sentado nele, ele quer e vai como Deus quer, conforme diz o Salmo: “tornei-me como jumento, e estou sempre contigo” (Sl. 73.22s.). Se Satanás está sentado nele, ele quer e vai como quer Satanás, e não está em seu arbítrio correr para um dos dois cavaleiros ou procurá-lo; antes, os próprios cavaleiros lutam para o obter e possuir⁸.

Com base nessa premissa, Lutero não vê o homem como alguém capaz de fazer o bem por si só, sendo assim necessária a graça de Deus. Segundo o pensamento luterano, tudo acontece pela vontade de Deus e, de nossa parte, por necessidade. Porém, se tudo acontece por necessidade, e Deus é bom por natureza, não seria Deus injusto ao imputar o pecado ao homem? Essa pergunta, totalmente válida no contexto da discussão entre graça e livre arbítrio, recebe resposta por parte de Lutero. Para ele, Deus realmente é sempre justo, contudo, Deus não cessa de formar e multiplicar a natureza que foi viciada pelo pecado e, segundo ele, o homem é criado de acordo com sua natureza. Assim, para Lutero, não se pode culpar a Deus pelo nosso endurecimento, pois, como Deus a tudo move e atua em tudo, também move necessariamente a Satanás e ao ímpio. Porém, atua neles de modo correspondente ao que são e como se encontram. É como um cavaleiro que cavalga em um cavalo manco: conduz o cavalo de acordo com suas condições.

No pensamento luterano, quando Deus opera nos maus e por meio dos maus, certamente o mal acontece, e, contudo, Deus não pode agir mal ainda que faça o mal por meio dos maus, pois sendo ele próprio bom, não pode agir mal, mas faz uso de instrumentos maus. Ou seja, para Lutero, o defeito está nos instrumentos aos quais Deus não permite serem ociosos; por isso o mal acontece, porque o próprio Deus os põe em movimento. É como um carpinteiro que cortasse com um machado ruim. Daí resulta que o ímpio não pode senão errar e pecar sempre, pois movido pela apropriação da potencia divina, não se lhe consente ser ocioso, mas quer, deseja e age de modo correspondente ao que ele é.

⁸ LUTERO, Martinho. Obras selecionadas V. 4. *Debates e Controvérsias, II*. Sinodal. São Leopoldo: 1993, p. 49



**Revista Eletrônica Espaço Teológico ISSN 2177-952X. Vol. 9, n. 16, jul/dez, 2015,
p. 180-187**

A onipotência de Deus faz com que o ímpio não possa escapar da manobra e ação de Deus, mas antes, lhe obedeça necessariamente. Porém, sua corrupção e aversão a Deus não permitem que possa ser comovido e manobrado para o bem. O ímpio não pode alterar sua aversão e assim, peca e erra até ser corrigido pelo Espírito Santo. Dessa forma, Satanás reina em paz sob a manobra da onipotência divina.

Para Lutero, o ímpio, assim como seu príncipe, Satanás, está todo voltado para si e para o que é seu e não busca a Deus, nem cuida do que é de Deus, buscando riquezas, glória, saber, etc. Se alguém lhe resiste diminuir alguma dessas coisas, é movido por meio da mesma aversão mediante a qual busca aquelas coisas, a indignar-se contra o adversário. Tanto não pode deixar de enfurecer-se, quanto não pode deixar de desejar e buscar, e tanto não pode deixar de desejar quanto não pode deixar de existir, pois é uma criatura de Deus. Essa irritação dos ímpios quando Deus lhes diz algo contrário do que querem é próprio de seu endurecimento e agravamento.

Para Lutero, quando diz que Deus opera o mal em nós, não devemos pensar que age como se criasse de novo o mal em nós, como se fôssemos um recipiente que recebe ou sofre a malignidade daquele que faz um veneno. Deus opera o mal em nós, isto é, por meio de nós, mas por causa de um vício nosso, pois somos maus por natureza, e Deus, ao contrário, é bom. Assim, ao apropriar-se de nós, não pode agir de outro modo a não ser fazendo o mal com um instrumento mau, ainda que faça bom uso deste mal de acordo com sua sabedoria para sua glória e nossa salvação.

Se o homem é tão mau e por si só não pode fazer o bem, necessita inteiramente da graça de Deus para fazer algo que agrada a esse Deus. Dessa forma, o homem não tem nenhum livre arbítrio, sendo este, somente, escravo do pecado e de Satanás, nada fazendo a não ser praticar e intentar o mal.

Assim, como antes de ser criado, o ser humano nada faz para ser humano, ou em nada se esforça para tornar-se uma criatura, assim também, depois de feito e criado, ele nada faz ou em nada se esforça para permanecer criatura; ambas as coisas acontecem somente pela vontade do onipotente poder e bondade de Deus, o qual nos criou e nos preserva sem nossa ajuda, mas não atua em nós sem nós, já que nos criou e preservou para que atuasse em nós e nós cooperássemos com ele, quer isso ocorra fora de seu reino pela onipotência geral, quer dentro de seu reino pelo poder singular do Espírito Santo. Antes de ser renovado em nova criatura do reino do espírito, o ser humano nada faz e em nada se esforça a fim de preparar-se para esta renovação, este reino; depois de recriado, nada faz e em nada se esforça para permanecer nesse reino, mas somente o Espírito Santo faz ambas as coisas em nós, recriando-nos e preservando-nos sem nós⁹.

⁹ LUTERO, Martinho. Obras selecionadas V. 4. *Debates e Controvérsias, II*. Sinodal. São Leopoldo: 1993, p. 178



Sendo assim, podemos perceber que a graça, no pensamento luterano, não procede de nosso esforço ou empenho, antes da predestinação divina. Dessa forma, conclui Lutero que o livre arbítrio nada é, senão cativo e condenado perante Deus.

Visto, porém, que acusa o mundo inteiro deste pecado e, como é notório, a partir da experiência, que esse pecado foi desconhecido do mundo como também Cristo, fato que é revelado pelo Espírito acusador, fica evidente que o livre arbítrio com sua vontade e razão é considerado cativo e condenado perante Deus por esse pecado. Por isso, enquanto ignora a Cristo e não crê nele, nada pode querer ou intentar de bom, mas serve obrigatoriamente àquele pecado ignorado. Em resumo: tendo em vista que a escritura anuncia a Cristo em toda parte (como já disse) por meio de comparações e antíteses, de modo que tudo que não tiver o espírito de Cristo submete a Satanás, à impiedade, ao erro, às trevas, ao pecado, à morte, à ira de Deus, todos os testemunhos que falam de Cristo combaterão o livre arbítrio. E esses são incontáveis, ou melhor, toda a Escritura¹⁰.

Mas como saberemos se somos ou não somos salvos por essa graça? No pensamento luterano, não cabe a nós responder isso, sendo somente a presciência de Deus a comandar o que acontece entre os homens. Isso é algo que saberemos somente na glória de Deus.

CONCLUSÃO

O pensamento luterano, como mostramos, é dotado de uma visão bastante pessimista do homem. É interessante perceber que, assim como Lutero, Agostinho também foi muito marcado pela experiência, como mostra em seu livro *Confissões*, o que, sem dúvida, contribuiu para sua concepção de homem e graça. Lutero foi um teólogo que levou ao extremo a dependência do homem em relação a Deus. Ao contrário de Agostinho, que mantinha o livre arbítrio do homem e conciliava o livre arbítrio, graça e liberdade, Lutero destrói completamente o livre arbítrio e considera impossível conciliar a liberdade com a presciência divina, tornando o livre arbítrio totalmente cativo à vontade divina. Analisando mais ao fundo os pensamentos de Lutero a respeito da predestinação dos santos, o livre arbítrio, a graça e a vontade humana, talvez fosse possível perceber certa exacerbação do pensamento agostiniano nas teses luteranas, levando essas a um ponto bastante extremista.

Apesar de toda exacerbação do pensamento luterano em relação a Agostinho, suas ideias influenciaram e motivaram diversos teólogos a novas formulações na tentativa de conciliar esses dois temas tão difíceis da teologia cristã. E essa influência permanece até os dias de hoje.

¹⁰ LUTERO, Martinho. Obras selecionadas V. 4. *Debates e Controvérsias, II*. Sinodal. São Leopoldo: 1993, p. 210



BIBLIOGRAFIA

LUTERO, Martinho. **Obras selecionadas V. 4. Debates e Controvérsias, II. Sinodal.** São Leopoldo: 1993. 216 p.

OLSON, Roger. **História da Teologia Cristã: 2000 anos de tradições e Reformas.** Vida. São Paulo: 2001. 668 p.

SESBOÜÉ, Bernard *et. al.* **O Homem e sua Salvação: antropologia Cristã: criação, pecado original...** 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005. 502 p. (História dos dogmas, II)